

**D. JOÃO NERY E OS ÍNDIOS BOTOCUDOS:  
FRAGMENTOS DE UMA CARTILHA NO INÍCIO DO SÉCULO XX.**

*D. João Nery and the botocudos indians: fragments of textbook in the beginning of the century XX.*

Marcus Levy Bencostta<sup>1</sup>

**RESUMO**

O primeiro bispo da diocese do Espírito Santo, D. João Batista Corrêa Nery, em visita pastoral realizada no ano de 1900 à tribo *Nak-Nhampman*, tronco ainda não pacificado dos remanescentes índios Botocudos, organizou uma série de anotações linguísticas como o objetivo de transformar em uma cartilha que facilitasse a catequese daquele povo, conforme os cânones do catolicismo romano. Tais escrituras, além de representar um documento raro que registra, ainda que parcialmente, os traços de uma língua extinta, servem para nos orientar na construção de problematizações no interior dos debates na História da Educação na tentativa de interpretar e teorizar a ação da Igreja Católica no despertar do século XX. Nesse caso, D. João Nery no uso de seus conhecimentos linguísticos, decodifica a linguagem daqueles Botocudos e a transforma em escrita para o português, com o propósito de utilizá-la como instrumento de imposição civilizatória. Esta estratégia utilizada pelos jesuítas desde os primeiros tempos do Brasil colonial continuou sendo empregada como um facilitador da evangelização dos indígenas, na perspectiva de modificarem sua fé, seus costumes e sua cultura.

**Palavras Chave:** Cartilha, Igreja Católica, Índios Botocudos.

**ABSTRACT**

The first bishop from Espírito Santo state diocese, D. João Batista Corrêa Nery, made in 1900 a pastoral visit to the tribe *Nak-Nhampman*, a branch not yet pacified from the remnants Brazilian Indians Botocudos. He organized several linguistic notes aiming to make this a textbook which would help the catechism of the people according to the canons of Roman Catholicism. Besides representing a rare document registering, even though in a partial way, the traces of an extinct language, those scriptures may be useful to guide this research in the making of questions inside the debates of History of Education, in an attempt to interpret and theorize the doings of the Catholic Church in the wakening of XX century. In such context, using his linguistic skills, D. João Nery succeeds to decipher the language of Botocudos turning it into Portuguese writing, aiming to use it as an instrument of civilizing imposition. This strategy, employed by the Jesuits since the beginning of Brazilian colonial times, was carried through as a helper in the evangelization of Indians, in the perspective of changing their faith, habits and culture.

**Keywords:** Textbook; Catholic Church; Botocudos brazilian Indians

---

<sup>1</sup> Professor Associado II da Universidade Federal do Paraná com atuação no Programa de Pós-Graduação em Educação na mesma universidade. Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Arquitetura Escolar (NEPHArqE) e bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: marcus@ufpr.br

### João Batista Corrêa Nery, o filho de sapateiro que se tornou bispo: registros de sua trajetória eclesiástica

Filho de sapateiro, João Nery nasceu em 1863, no núcleo central da cidade de Campinas. Por ser de família pobre, o menino foi criado até os sete anos com os avós paternos, em um pequeno sítio de Itatiba, cidade próxima a Campinas, quando retornou para iniciar seus estudos escolares.

Dependentes do parco ensino oferecido pela instrução pública do segundo reinado, os pais de João Nery procuraram aproveitar todas as oportunidades surgidas a fim de escolarizar seu primeiro filho. Depois de frequentar diversas escolas primárias, uma delas mantida pela Loja Maçônica Fidelidade, chegou o momento do ensino colegial, única via de acesso às poucas carreiras superiores existentes no Império. Em Campinas funcionavam, naquele momento, dois grandes colégios para atender às necessidades das elites da região que almejavam um ensino valorizado para os seus filhos e, evidentemente, que os preparasse para os exames de admissão nos cursos superiores do Brasil, Europa e Estados Unidos. O primeiro tratava-se do Colégio Internacional, fundado por missionários protestantes de confissão presbiteriana originários do sul dos Estados Unidos; (BENCOSTTA, 1996) e o segundo, o Colégio Culto à Ciência, mantido por positivistas e republicanos da cidade, criadores da Sociedade Culto à Ciência. Foi nesse último que, em 1874, por intermédio dos amigos de seu pai, o médico irlandês naturalizado brasileiro, Ricardo Gumbleton Daunt, e o bacharel Campos Sales, diretor do Culto à Ciência, foi concedido a João Nery um lugar gratuito em seus bancos escolares.

Nos anos do Culto à Ciência (1874-1880), de alguma forma sua formação escolar foi marcada por valores do liberalismo e do republicanismo, ideais presentes na proposta do colégio. Afinal, vários foram os republicanos históricos, críticos contumazes do regime monárquico, que apoiaram essa instituição, enquanto laboratório gerador de uma futura elite dirigente da nação, marcada pelos ventos daquilo que entendiam ser a modernização da segunda metade do século XIX.

Foi lá que João Nery, juntamente com alguns colegas, fundou um pequeno grupo teatral, o *Ravenna Dramatica*, que apresentava dramas no auditório do colégio. Em 1878, esse grupo participou da encenação de uma peça muito conhecida na época, *Tipos da atualidade*, de França Júnior. Entretanto, foi com o amigo Joaquim Gomes Pinto que escreveu *Pai e Filho*, encenada pelos atores da Companhia Couto Rocha no imponente Teatro São Carlos de Campinas, no dia 14 de agosto de 1880.

Ao contrário dos demais alunos do Culto à Ciência, a grande maioria filhos ilustres das elites campineiras, cuja trajetória profissional deveria corresponder às expectativas dos pais, o jovem Nery não se inclinou para as tradicionais carreiras escolhidas por seus colegas. Talvez até por influência dos conselhos do cônego Joaquim José Vieira, o rapaz se decidiu pela carreira eclesiástica.

Definida sua opção - com apoio da família e surpresa dos amigos que, respeitando a decisão do futuro sacerdote, viram-na como a perda definitiva de um talentoso dramaturgo para a Igreja -, João Nery, então com 17 anos, utilizou parte dos lucros da peça, *Pai e*

*Filho*, cerca de 800\$000 mil réis, para seus primeiros gastos no Seminário Episcopal de São Paulo, onde fez matrícula gratuita, em outubro de 1880.

Recebeu a primeira tonsura em 1882. Em 1885, foi a vez das ordens menores e o subdiaconato e, no ano seguinte, o diaconato. A 11 de abril de 1886, na capela do Seminário, ordenou-se presbítero, recebendo as sagradas ordens de D. Lino Deodato Rodrigues Carvalho, bispo da diocese de São Paulo. No correr daquele ano, lecionou no Seminário Episcopal de São Paulo e no seguinte foi escolhido vigário encomendado daquela mesma freguesia pela carta imperial de 12 de junho de 1888. (POLYANTHEA, 1906)

Nos anos subsequentes, o padre Nery dedicou-se aos trabalhos eclesiásticos em sua cidade natal (Campinas - São Paulo); primeiramente na freguesia de Santa Cruz e, posteriormente, na matriz da Conceição. Por sua formação no Seminário Episcopal de São Paulo, e pelo fato de ser afilhado religioso de importantes bispos ultramontanos, como D. Lino Deodato e D. Joaquim Vieira, o padre Nery foi conduzido a assumir a cultura religiosa marcada pela romanização.

Talvez o apego pela obra que iniciou em sua terra natal tenha feito com que ele recusasse o convite de D. Lino para assumir o cargo de vigário geral de São Paulo, e o de D. José Pereira de Barros, arcebispo do Rio de Janeiro, para a cadeira de cônego teologal daquele arcebispado. Mas, sua primeira etapa em Campinas estava aproximando-se do fim, pois desde meados de 1895, nos corredores da mitra de São Paulo e da Santa Sé, em Roma, articulava-se sua indicação para o episcopado brasileiro. (BENCOSTTA, 1999).

Com o processo de criação da diocese do Espírito Santo, o internúncio apostólico para o Brasil, cardeal Gerolamo Maria Gotti, uniu esforços para indicar à Santa Sé o nome do então cônego João Nery para bispo daquela nova diocese. Cardeal Gotti o tinha conhecido em 1895, quando esteve em Itu, interior de São Paulo, onde o ouviu pregar na festa de São Luiz. Mesmo assim, como era de praxe, consultou seu superior diocesano, a fim de obter maiores informações do eclesiástico de Campinas.

Em ofício de 16 de agosto de 1895 (nº 2.5817), endereçado a D. Arcoverde, bispo que substituiu D. Lino no governo da diocese de São Paulo, o internúncio apostólico solicitou da autoridade diocesana a consulta a João Nery, para saber se ele se encontrava apto para a nova missão que a Igreja lhe apresentava.

Em Campinas, João Nery recebeu correspondência confidencial de D. Arcoverde (14/10/1895) anunciando o novo desafio (OTÁVIO, 1920). No dia 21 de outubro, João Nery, incontinenti, dirigiu-se à repartição geral dos telégrafos e emitiu a mensagem esperada por D. Arcoverde (TELEGRAMA, 1895).

Com a resposta de seu subordinado e futuro colega de episcopado, coube a D. Arcoverde enviar suas recomendações ao cardeal Gotti em favor da indicação de Nery (CARTA, 1895).

Pelo decreto consistorial *Sanctissimo Domino nostro*, de 15 de dezembro de 1895, o papa Leão XIII criou a diocese do Espírito Santo, desmembrando-a de Niterói. Em 29 de agosto de 1896, foi expedido, então, um Breve que oficializou a indicação do cônego Nery para o bispado da nova diocese, e, finalmente, no primeiro dia de novembro de 1896

recebeu na capela do Colégio Pio Latino Americano, em Roma, das mãos daquele que iniciou todo esse processo, o cardeal Gotti, a sagração episcopal.

Ato contínuo à sua sagração, ainda em Roma, o bispo Nery elaborou a sua primeira carta pastoral, saudando diplomaticamente aos seus diocesanos (CARTA PASTORAL, 1896). Nesse mesmo documento, anunciou sua posse para o dia 23 de maio de 1897, durante os festejos à Maria Auxiliadora, quando finalmente cantaria sua missa pontifical.

A nova diocese nasceu pequena e pobre. No início, D. Nery, o bispo mais jovem do episcopado brasileiro, 33 anos, contou apenas com o auxílio de 19 sacerdotes, servindo em 24 freguesias distantes umas das outras. Nos primeiros meses de seu episcopado, percebeu a situação difícil e quase impossível de manutenção do novo bispado. A verba que recebeu para a sua organização se tornou irrisória diante da quantidade de despesas necessárias para o início de seu trabalho. Para tanto, viu ser necessária a criação de uma Caixa Diocesana para a manutenção do bispado. A partir de então, cada sacerdote deveria promover entre seus paroquianos e jurisdicionados comissões que assegurassem contribuições mensais, mesmo que pequenas, em favor dessa Caixa (CARTA MANDAMENTO, 1897).

Outra medida foi anunciar sua primeira visita diocesana, apenas quatro meses depois de sua chegada (CARTA PASTORAL, 1897). Foi assim que, no dia 16 de setembro de 1897, fez entrada solene na igreja matriz da vila de Itapemirim, inaugurando os trabalhos da visita canônica (CARTA PASTORAL, 1901). Corrigir os possíveis desvios que seus diocesanos poderiam ter dos caminhos doutrinários da Igreja Católica, administrar sacramentos, avaliar o estado material de suas paróquias, fundar e reorganizar associações religiosas, como o Apostolado da Oração e a Associação de Maria Auxiliadora, promover as festividades dos meses de Maria, do Coração de Jesus, do Rosário, a Semana Santa e retiros espirituais, foram as principais atividades de sua missão episcopal.

Durante os anos que governou essa diocese, D. Nery fundou o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (1900), instituição escolar feminina cuja responsabilidade destinou às irmãs de São Vicente. No convento da Penha, abriu um curso teológico dirigido pelo padre Luiz Köster, da Congregação do Verbo Divino, que funcionou por dois anos na formação de um novo clero.

Em suas viagens pelo interior do estado da diocese, procurou catequizar os poucos índios Botucudos, da tribo Nak-Nhampman ou Chop-Chop, que habitavam terras na fronteira com a Bahia. Discutiremos esta catequização mais detalhadamente na segunda parte deste artigo.

Por motivo de saúde, após cinco anos de dedicação à diocese do Espírito Santo, solicitou D. Nery sua transferência para um bispado localizado em clima mais ameno. Coincidentemente, o papa Leão XIII havia criado pelo decreto consistorial *Regio latissime*, de 4 de agosto de 1900 – que foi executado pelo decreto da Nunciatura apostólica, de 21 de setembro –, o bispado de Pouso Alegre, no sul de Minas Gerais, formado em sua maior parte por território desmembrado da diocese de São Paulo e, uma menor, pela diocese de Mariana. D. Nery foi transferido para lá por Breve de 18 de maio de 1901. Sua entrada na catedral de Pouso Alegre ocorreu no dia 21 de julho de 1901, quando cantou sua primeira missa pontifical na nova diocese.

### Botocudos das Matas do Espírito Santo

Vou tratar do modo de catequizar, e aldear os Índios bravos do Brazil: materia esta de summa importancia, mas ao mesmo tempo de grandes difficuldades na sua execução.

Nascem estas 1º da natureza e estado em que se acham estes Índios. 2º do modo com que successivamente Portuguezes e Brasileiros os temos tratado, e continuamos a tratar, ainda quando desejamos domestical-os e fazel-os felizes.

*As primeiras provêm 1º de serem os Índios Povos vagabundos, e dados a contínuas guerras e roubos; 2º de não terem freio algum religioso, e civil, que cohiba e dirija suas paixões: donde nasce ser-lhes insupportavel sujeitarem-se a Leis, e custumes regulares; 3º entregues naturalmente á preguiça, fogem dos trabalhos aturados e diários de cavar, plantar e mondar as sementeiras, que, pelo nimio viço da terra se cobrem logo de matto e de hervas ruins; 4º porque temem, largando sua vida conhecida, e habitual de Caçadores, soffrer fomes, faltando-lhes alimento á sua gula desregrada; 5º para com as Nações nossas inimigas recresce novo embaraço, e vem a ser o temor que tem que depois de aldeados, vinguem a nosso sabor as atrocidades contra nós commettidas: ou porque, não tendo ainda provado o devido castigo de seus attentados, desprezam-nos, confiados na sua presumida valentia; e achando ser lhes mais útil roubar-nos que servir-nos; 6º porque os mais valentes e poderosos d'entre elles temem perder occasião de poder cobrar entre seus naturaes o nome de guerreiro, que muito prezam, esperando ficar seguros das nossas armas no meio das suas Mattas e escondrijos; 7º finalmente porque conhecem que, se entrarem no seio da Igreja, serão forçados a deixar suas contínuas bebedices, a polygamia em que vivem, e os divorcios voluntários; e d'aqui vem que as raparigas casadas são as que melhor e mais facilmente abração a nossa Santa Religião; porque assim segurarão os maridos e se livrarão das rivais.*

(Apontamentos para a civilização dos Índios bravos do Império do Brazil. 1º. de junho de 1823, p. 13-)

Estas são palavras do deputado na Assembleia Geral de Constituinte, senhor José Bonifácio de Andrada e Silva, estadista do início do Novecentos e visto pela historiografia tradicional como o “Patriarca de Independência”.

Neste discurso de José Bonifácio, os índios Botocudos habitantes nas terras das Províncias da Bahia e do Espírito Santo do recém instituído Império Brasileiro, são listados, dentre os vários povos nativos, como aqueles que deveriam ser catequizados e civilizados por meio da estratégia dos aldeamentos, recomendando, portanto, o aperfeiçoamento dos métodos e técnicas utilizadas pelos jesuítas nos séculos anteriores.

As primeiras notícias que temos sobre os Botocudos remontam ao século XV. Gabriel Soares de Souza, em sua relação das costas do Brasil, fornece-nos descrição de sua vida e seus costumes. O nome Botocudo, como se sabe, deriva do uso, pelos membros da tribo de botoques (uma espécie de enfeite com a forma de um pires preso ao lábio inferior). Depois de lutas prolongadas, seus últimos grupos foram pacificados pelo Serviço de Proteção aos Índios, em 1913.

Em 1939, o seu número total estava reduzido a 68 cabeças, pertencendo 50 à tribo *Nakre-ehé* do *Manhuaçu*, transferida para o Posto Guido Marlière, à margem esquerda do rio Doce.

Por um lado, a política de aldeamento dos diversos grupos de Botocudos patrocinada pelo Serviço de Proteção aos Índios procurou “pacificar” e tornar dependentes do Estado os silvícolas que habitavam as terras do Rio Doce e, por outro, contribuiu para que de modo ágil, eficaz e seguro fossem fixados nas terras indígenas colonos para o plantio da cultura do café, assim como operários para a construção de uma ferrovia que ligasse os estados de Minas Gerais e Espírito Santo, sem mensurar, contudo, os efeitos dessa política para a vida e a cultura desses povos, cuja responsabilidade maior era a de protegê-los dos fazendeiros e arrendatários. Como o indígena não poderia impedir a expansão econômica do Estado, foi à sombra do progresso que as políticas públicas procuravam desobstaculizá-los frente ao caminho civilizatório do Brasil do início do século XX.

O momento histórico em que se situa a discussão desse ensaio é aquele em que a estrutura da Igreja Católica passa por contextos de afirmação de sua doutrina e poder frente às mudanças que o final do século XIX e início do século XX anunciavam. Apesar dos receios, hoje infundados, de uma onda de descatolicização da nação por conta dos chamados “males do mundo moderno”, o episcopado brasileiro, naquele momento bastante romanizado, não deixou de lado a persistente e incansável, e parece que eterna proposição de catequizar os povos indígenas.

Ao voltar nossas atenções para o início do século XX, o quase octogenário discurso de José Bonifácio ainda ecoava forte em um Brasil, que já não era mais uma monarquia e nem tinha a Igreja Católica como oficial do novo regime. Contudo, mesmo assim, permanecia vigoroso esse tipo de pensamento na hierarquia católica, realçando mais uma vez, que ainda lhes cabia a missão de civilizar e ordenar os povos indígenas para se tornarem úteis à cristandade católica e à República brasileira.

Foi assim que entendeu o primeiro bispo da diocese do Espírito Santo, D. João Nery, em visita pastoral realizada no ano de 1900 à tribo *Nak-Nhampman*, tronco ainda não pacificado dos remanescentes índios Botocudos. O bispo era conhecedor da história dos Botocudos, povo que gozava da fama de ser feroz, antropófago e guerreiro, sem compaixão para com seus inimigos, que ocupavam extensas glebas da Mata Atlântica, entre o vale do Salitre no sul da Bahia e o extremo leste do vale do Rio Doce, no Espírito Santo (PARAÍSO, 1992, 1998). Entretanto, ao chegar à aldeia, às margens do Rio Doce (Espírito Santo) e Belmonte (Bahia), encontrou uma tribo dizimada pela *influenza* (gripe espanhola). Seu número estava reduzido a trinta e cinco índios entre adultos e crianças.

#### **D. João Nery e os índios Botocudos: fragmentos de uma cartilha no início do século XX**

Os escritos organizados por D. Nery em seu caderno pessoal, posteriormente publicados em sua carta pastoral de despedida da diocese do Espírito Santo, são de fundamental importância na construção de interpretações da compreensão das ideias desse prelado sobre o processo catequético enquanto representação do pensamento maior

do episcopado e, portanto, da Igreja Católica em suas estratégias para evangelização dos povos indígenas.

O objetivo dessas anotações linguísticas era claro: construir uma cartilha que facilitasse a catequese daquele povo conforme os cânones do catolicismo romano. Tais escrituras, além de representar um documento raro que registra, ainda que parcialmente, os traços de uma língua extinta, servem para nos orientar na construção de problematizações no interior dos debates na História da Educação na tentativa de interpretar e teorizar a ação dessa importante instituição religiosa.

Das evidências fonológicas observadas em sua experiência etnográfica e linguística entre os *Nak-Nbampman*, D. Nery propõe uma “ortografização” parcial da língua daqueles botocudos. A escrita assume, portanto, naquele contexto, a função de instrumento facilitador de imposição civilizatória, visto que essa “ortografização” suprimia a linguagem de sentidos que somente a oralidade conseguiria transmitir. Semelhante às gramáticas coloniais elaboradas pelos jesuítas (ALTMAN, 1999), a cartilha de Nery não tinha o ideal de preservar aquela língua, e muito menos afirmar traços da sua nacionalidade nativa, a motivação pedagógica era pela ordenação dos costumes e da cultura silvícola aos padrões morais católicos.

Esta estratégia utilizada pelos jesuítas desde os primeiros tempos do Brasil colonial, continuou sendo empregada como uma ferramenta da evangelização dos indígenas na perspectiva que lhes fossem modificados sua fé, seus costumes e sua cultura. Podemos considerar que no início do século XX continuava a língua indígena não sendo vista como algo importante, nem que merecesse uma análise profunda. O seu estudo pelos religiosos ocorria como uma ponte que os levaria mais facilmente à comunicação com os grupos indígenas, para assim melhor desenvolver a sua catequização. Segundo Lucy Seki (1999), foi irrisório o que se fez em relação ao estudo de línguas indígenas brasileiras até a segunda metade do século XX. No Brasil colonial, os materiais linguísticos foram produzidos sobretudo por missionários portugueses entre os quais se destacam as figuras do Pe. José de Anchieta, que em 1595 publicou uma gramática Tupi (*A Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*), a do Pe. Luis Figueira, também autor de uma gramática sobre a mesma língua (*A Arte da Língua Brasileira*, 1621), e a do Pe. Luís Vincencio Mamiani (*A Arte de Gramática da Língua Brasileira da Nação Kiriri*, 1699). Entre os franceses, destaca-se Jean de Léry, que deixou observações sobre aspectos do Tupi.

Voltando os olhares para essa cartilha de D. Nery, a língua dessa tribo botocuda não distinguia os gêneros, nem os tempos verbais, sendo o infinitivo o comum na sua linguagem. De acordo com seu inventário fonêmico, os sons eram marcados pela diversidade de expressões guturais e nasais constituídos por diferentes arranjos de seus segmentos, como os encontros consonantais e fonéticos.

Quanto às ocorrências fonético-fonológicas, o plural era assinalado pela adição do vocábulo *RUHÚ*, entretanto como os números iam somente até quatro, dali para adiante, simplesmente era acrescentado esse vocábulo. Assim, servia para designar indistintamente qualquer quantidade.

A seguir temos alguns exemplos dos vocábulos utilizados na carta pastoral:

A	B	C	D
<i>Amequitote</i> - cozinhar <i>Ambjic</i> - mandioca <i>Antjuck</i> - vocês <i>Amancút</i> - comer <i>Antjeme</i> - casar <i>Aúm</i> - falar	Brucucú – vermelho <i>Brâum</i> - caminho <i>Boc</i> - peixe <i>Bacân</i> - pássaro <i>Bocri</i> - veado <i>Borûm</i> – índio	Carahi - civilizado <i>Corécjú</i> - porco <i>Cumirin</i> - cana <i>Cupiric</i> - barbado <i>Carang</i> - raiva <i>Cudgine</i> - pequeno	Djitchiá - gemer <i>Djapenic</i> - preguiça <i>Djéin</i> - pôr <i>Djiuntchát</i> - chamar-se <i>Djic</i> - flecha <i>Djiupú</i> - mãe
G	H	I	J
Gepocán - banana <i>Giocane</i> - mulher casada <i>Gicaramé</i> - muito <i>Giocane</i> - gordo <i>Goêmme</i> - morrer	Ha – sapucaia <i>Him</i> - preto <i>Hum</i> - dar <i>Hiuá</i> - acolá <i>Ha-ha-ha</i> – galo	In ran - lá <i>Impmân</i> - Boca <i>Ijuvanta</i> - feijão <i>Ipaquijú</i> - grande	Jop - beber <i>Jucnãm</i> - mulher <i>Jêk</i> - sujo <i>Jirúm</i> - branco <i>Jorê</i> - atrás
K	M	N	P
<i>Kuparac</i> - onça <i>Kruk</i> - filho <i>Krêne</i> - cabeça <i>Kjac</i> - irmão <i>Krémkê</i> - cabelo <i>Kidjican</i> - pai	Minhâng – água <i>Morúm</i> - perna <i>Mongmong</i> - doente <i>Mun</i> - ir <i>Monhac</i> - lua <i>Maranan</i> - mar	Nampâc - matar <i>Nangue</i> - barriga <i>Nhocuôn</i> - orelha <i>Nantchôn</i> - espírito mau <i>Nhimbon</i> - capivara <i>Nhic</i> - eu	Panda - tribo <i>Puc-puc</i> - chorar <i>Pon</i> - ouvir <i>Pocroci</i> - boi <i>Pum</i> - espingarda <i>Pâ</i> - chato
Q	R	T	Y
Quijéme - casa <i>Quiton</i> - olho <i>Quepó</i> - mono <i>Quinjín</i> - nariz <i>Quinime</i> - O que é isso? <i>Quijúne</i> - dente	Rehê – belo Rône - alto	Tupâne - Deus <i>Tchoncnon</i> - tronco <i>Tomerebê</i> - estrela <i>Tempran</i> - amanhã <i>Ton</i> - ruim <i>Tarungri</i> - cantar	Yagê - saber

Ainda é necessário um estudo mais detalhado desses cognatos e suas correspondências na reconstrução dessa proto-língua para se determinar com segurança o lugar e o espaço da língua *Nak-Nhampman* dentre as línguas Botocudas. Entretanto, ao compararmos os vários cognatos desse grupo com aqueles organizados por Antonio Estigarribia, inspetor do Serviço de Proteção ao Índio, em 1912 (ESTIGARRIBIA, 1934), que foram retirados do vocabulário dos índios Botocudos das tribos dos *Crenacs*,

*Pogichá*, *Aran àa* e *Potua*, é seguro afirmar pela semelhança ser ele um dentre os dialetos pertencentes à família linguística dos Botocudos.

Além do dicionário de vocábulos da língua dos Botocudos, D. Nery constrói uma pequena arquitetura de orações a partir de uma série de frases que facilitariam a catequese desse povo. Nelas se percebe que os complementos diretos precedem o verbo, que havendo a ocorrência de dois verbos se desloca para o final da frase aquele que exprime a principal ação, e que a partícula negativa vem sempre depois do verbo, nunca antes. Eis, alguns exemplos:

*Antjuck im pram?* – Vocês me querem bem?  
*Nhic borúm pram gicaramé.* - Eu quero muito aos índios.  
*Nhic borúm minhangroc jop pram?*- Vocês querem beber aguardente?  
*Oti kréne cury pram?* - Você quer lavar a cabeça? Quer batizar-se?  
*Oti kréne Cury nequam?* - Você é batizado?  
*Oti chocane?* - Você é casado?  
*Oti intchó mun?* - Você quer ir comigo?  
*Pó chocane.* - Junte as mãos.  
*Cocry nak atei.* - Ajoelhe-se.  
*Tim antjeme pram?* Você quer casar?

Apesar dos limites e lacunas dos dados recolhidos pelo bispo em sua visita à aldeia, marcados por informações fragmentadas pelo curto espaço de tempo de convívio com aqueles índios, entendemos o valor de tais frações para os estudos históricos, antropológicos e linguísticos por ser tratar de uma etnografia rara sobre esse grupo. Ao construir esse material escrito, a política linguística catequética de D. Nery era primordialmente a de converter os índios à fé católica, instrumentalizando sua linguagem para os interesses da evangelização. Entretanto, por enxergar esses Botocudos como crianças, diferentes daqueles índios bravos e perigosos descritos por José Bonifácio, o bispo percebeu por sua linguagem que eles eram incapazes de absorver ideais abstratos e, desse modo, naquele momento, ainda não estariam aptos a entender as coisas da fé católica. Sendo essa tarefa para um momento mais à frente.

Para defender sua percepção, D. Nery destaca o exemplo do batismo ao descrever a compreensão destes que o entendiam simplesmente por ter a cabeça limpa (*kréne cury*), ao contrário de cabeça suja (*kréne jéc*).

Era preciso estabelecer uma catequese que visasse diretamente às crianças, pois o adulto já não teria mais condições de se tornar um civilizado, confirmando a permanência de uma compreensão originária dos jesuítas quinhentistas que entendiam a criança indígena como um papel branco, sua mente estava pronta para a inculcação dos valores católicos e sua crença. (DEL PRIORE, 1991; CHAMBOULEYRON, 1999), para que com aprimoramento dos contatos e conhecimento aprofundado da língua, a inserção de valores católicos seria mais eficaz.

Enfim, acreditava que o governo estava preocupado em pacificar esse povo, e caberia à Igreja estabelecer uma sede de missionários que deveriam criar uma proteção contra os “civilizados” responsáveis pela ida de vícios e doenças não existentes entre eles.

Se reduzi-los a uma prisão civilizacional não era possível, o serviço lento e persistente dos catequistas no uso da língua, aliados ao espírito de dedicação, poderia levar os Botocudos a se tornarem cristãos fervorosos e cidadãos úteis à República.

## FONTES E REFERÊNCIAS

ALTMAN, Cristina. From ‘Insula Vera Cruz’ to ‘Terra Brasiliensis’. History, (Hi)Stories and Historiography of Brazilian Linguistics. *History of Linguistics*, 1996, Vol.2: *From Classical to Contemporary Linguistics*. Offprint. Ed. David Cram, Andrew Linn and Elke Nowak, Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1999.

ANDRADE E SILVA, José Bonifácio. *Apontamentos para a civilização dos índios bravos do Império do Brazil*. 1º. de junho de 1823

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. “*Ide por todo mundo ...*”: a província de São Paulo como campo de missão presbiteriano (1869-1892). Campinas: CMU/Editora da Unicamp, 1996.

\_\_\_\_\_. *Igreja e Poder em São Paulo: D. João Batista Correia Nery e a romanização do catolicismo brasileiro (1908-1920)*. 1999, Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

CARTA de d. Joaquim Arcoverde, bispo de São Paulo, ao monsenhor Gotti, internúncio apostólico. São Paulo, 31 de outubro de 1895. (Manuscrito)

CARTA MANDAMENTO de D. João Baptista Corrêa Nery. Bispo do Espírito Santo ao seu Clero. Estabelecendo na Diocese a Obra Permanente da Caixa Diocesana. Victoria: Papelaria e Typ. de A. Moreira Dantas, 1897.

CARTA PASTORAL de D. João Baptista Corrêa Nery. Bispo do Espírito Santo saudando aos seus diocesanos no dia de sua sagração. Roma: Typographia Polyglotta, 1896.

CARTA PASTORAL de D. João Baptista Corrêa Nery. Bispo do Espírito Santo anunciando ao Clero e Fieis a sua primeira Visita Diocesana. Victoria: Papelaria e Typ. de A. Moreira Dantas, 1897.

CARTA PASTORAL de D. João Baptista Corrêa Nery. Despedindo-se da Diocese do Espírito Santo, seguida de algumas notícias sobre a mesma. Campinas: Typ. a vapor Livro Azul, 1901.

CHAMBOULEYRON, Rafael. “Jesuítas e as crianças no Brasil Quinhentista”. PRIORE, Mary Del (Org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo, Editora Contexto, 1999, p. 55-83.

ESTIGARRIBIA, Antonio. “Trecho de um relatório apresentado pelo inspetor, Antonio Estigarribia, á Directoria do Serviço de Proteção aos Indios no ano 1912, relativamente

aos índios do Rio Dôce.” *Revista do Instituto Historico e Geographico do Espirito Santo*, Vitória, v. 7, p. 20-51, 1934.

NOGUEIRA, J. C. Ataliba. *Elogio Histórico de D. João Nery. Primeiro Bispo de Campinas*. Rio de Janeiro: AGIR, 1945.

OTÁVIO, Benedito (org.) *D. João Néry. 1º Bispo de Campinas. Saudosa homenagem à sua santa memória no 34º aniversário de seu fecundo sacerdócio*. São Paulo: Cardozo Filho, 1920.

PARAÍSO, Maria Hilda Barqueiro. “Repensando a política indigenista para os Botocudos no século XIX”. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v. 35, p. 77-78, 1992.

\_\_\_\_\_. “Os botocudos e sua trajetória histórica” In: CUNHA, Maria Manuela Carneiro da (Org.), *História dos índios no Brasil*. 2ª ed, São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 413-30.

POLYANTHEA *do Cinquentenário da Diocese de Campinas (1908-1958)*. Campinas: 1958.

PRIORE, Mary Del. “O papel branco, a infância e os jesuítas na Colônia”. In: PRIORE, Mary Del (Org.) *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1991, p. 10-27.

SEKI, Lucy. A lingüística indígena no Brasil. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*. 1999, vol.15, n.especial, p. 257-290.

TELEGRAMA nº 453 da Repartição Geral dos Telegraphos (Estação de Campinas), apresentado no dia 21 de outubro de 1895

Recebido em abril de 2010  
Aprovado em junho de 2010